

MUNDO · ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NOS EUA 2020

Todos contra todos na guerra pela Presidência dos EUA

Donald Trump e Joe Biden disputam uma das eleições presidenciais mais renhidas dos últimos tempos, mas grande parte do esforço de campanha não tem sido contra o adversário, mas a tentar juntar fações internas de cada partido.

Agência Lusa · 28 de setembro de 2020, 09:48 · Publicado em RTP Notícias (Mundo)

Fotografia: Xavier Collin — Reuters

Embora o sistema político americano assente no bipartidarismo, o que teoricamente favoreceria a união em cada um destes dois partidos, mais do que nunca o divisionismo impera.

O partido democrata não conseguiu sarar as feridas das eleições primárias e enfrenta grandes cisões internas. No partido republicano, Donald Trump não é visto como líder do partido e há várias fações em disputa.

«Os democratas estão divididos entre a ala moderada e a progressista. A divisão republicana, entre moderados e conservadores, está muito focada nas políticas, estilo de liderança e escolhas do Presidente Trump.»

PAUL MANUEL · Catedrático de Ciência Política, American University

A diversidade dentro de cada partido sempre existiu nos Estados Unidos. Aliás, o diálogo e cedências que permitem acordos partidários partem maioritariamente das alas mais moderadas dentro de cada um dos partidos.

O que se verifica nestas eleições é a ausência de moderados, provocada pela bipolarização extrema que resulta dos últimos quatro anos de ação presidencial, em que o discurso ideológico deu lugar ao populismo.

«Donald Trump não corporiza nem representa qualquer tipo de ideologia coerente. Mas este é, em parte, o segredo da sua atração para alguns segmentos do eleitorado. A ausência de um caminho ideológico permite-lhe adotar o que quer que funcione para cada audiência que ele tenta atingir», afirma Daniela Melo, professora de Ciência Política da Boston University.

Vários analistas apontam que a derrota de Hillary Clinton nas últimas presidenciais foi devida, em grande parte, à recusa do eleitorado progressista democrata, afeto a Bernie Sanders, em votar na plataforma moderada da candidata.

Os progressistas-ambientalistas representaram 35% do voto democrata nas últimas primárias e Joe Biden não tem conseguido unir o partido.

«Para os progressistas, o assunto principal agora é votar contra Trump, não é realmente votar por Biden. A questão é se os progressistas vão, ou não, aparecer para votar.»

PAUL MANUEL · Sobre a mobilização do eleitorado progressista

Este apelo à participação eleitoral tem sido uma constante para ambas as campanhas. Sabido que será uma eleição muito renhida, cada voto conta. Um desafio que arrasta milhões de dólares em publicidade e atividade política para os oito estados *swing* (baloioço), assim chamados porque oscilam em diferentes eleições e decidem o vencedor.

Na Pensilvânia, Michigan, Arizona e Wisconsin, Biden está em vantagem nas sondagens. Nos restantes estados — Ohio, Carolina do Norte, Iowa e Florida — a tendência é para o empate.

Apesar do constante bombardeamento político na rádio, televisão, jornais e media digitais, o ceticismo e o descrédito das lideranças políticas permanece.

«Vamos ser honestos, nenhum dos candidatos é ideal», disse à Lusa Mário Rebello, ativista republicano e antigo secretário do Governador Lincoln Almond, do estado de Rhode Island. «A eleição presidencial 2020 é sobre reacerar a posição da América no plano global, reconstruir a economia e gerir a pandemia de Covid.»

De modo diferente, ambas as campanhas se focam nas mensagens de recuperação da economia no pós-pandemia e na *lei e ordem*, em resposta à crescente crispação gerada pela violência racista e consequentes confrontos entre grupos opostos. Uma agenda que arrasta os democratas para posições mais conservadoras, alienando progressistas e atraindo republicanos.

«Votar em Biden é ter de engolir um sapo», diz Lisa Silva, ativista democrata de Connecticut. «Mas prefiro isso a apanhar com mais quatro anos de Trumpismo.»

Por outro lado, o acentuar do discurso *lei e ordem* e as posições unilaterais de Donald Trump afastam conservadores moderados. Mário Rebello, republicano convicto, não esconde: «Os eleitores devem apoiar o candidato que provoque menos ‘estragos’ e que seja capaz de recolocar a América na liderança global, resolvendo o problema da pandemia. Em minha opinião é Joe Biden.»

Ciente desta clivagem interna, a campanha Trump-Pence agarra-se cada vez mais ao voto evangélico. Mas apesar de o Presidente cortejar as lideranças religiosas do Sul, sobretudo nos estados *swing*, o perfil e conhecidos abusos de Trump são uma barreira difícil de transpor. O que tem valido ao vice-presidente Mike Pence, evangélico convicto, um trabalho extremamente ativo por *detrás das cortinas*, como o antigo governador de Indiana prefere.

Daniela Melo salienta que, «no final, esta eleição é uma batalha pela sobrevivência. Ou de Donald Trump, ou da democracia».

Na luta pela sobrevivência, ganha o extremismo em detrimento do diálogo político, cavando-se ainda mais as clivagens internas.

Fonte: Agência Lusa, publicado em RTP Notícias, 28 de setembro de 2020. Reprodução para arquivo pessoal de imprensa.